

A MISSÃO MONFORTINA NO MUNDO DE HOJE

Carta Circular



P. Luiz Augusto STEFANI, S.M.M.

**Carta Circular
SG 73-2019**

A MISSÃO MONFORTINA NO MUNDO DE HOJE

“Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”

Lc 24, 32

1. INTRODUÇÃO

Queridos irmãos,

Recebam uma saudação e um abraço fraterno. Estimados irmãos que acompanharam a conclusão do mês de outubro especialmente dedicado à missão. Foi o mês missionário extraordinário desejado pelo Papa Francisco e que teve como tema *“Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo”*.

Certamente, o mês missionário extraordinário de outubro de 2019 terminou, mas a missão monfortina continua e continuará ainda no futuro.

Esta é *“uma carta”*, não é um estudo de documento e não se destina a ser o resultado de estudos aprofundados. Quero compartilhar convosco algumas convicções sobre a missão Monfortina hoje: o que vi, o que ouvi e o que acredito ser o serviço que podemos oferecer hoje à Igreja, como Monfortinos.

Agradeço a colaboração de alguns dos nossos confrades que concordaram em partilhar as suas experiências, a sua vida como missionários, as suas lutas, as suas alegrias, desafios, tristezas e esperanças. Estes confrades representam a presença monfortina

nos cinco continentes: é uma amostra, embora parcial, de tudo o que fazemos no mundo como missionários, e espero que a leiam como se fosse uma oração, como se estivessem a ouvir o coração de quem escreve.

De fato, trata-se de olhar para a missão enquanto encontro e escuta: encontro, que como disse, com as pessoas e as suas culturas, e encontro com Deus. Escutar as gentes, as pessoas e as suas histórias e escutar a Deus presente nelas. Trata-se de entrar numa experiência de vida, de viver como missionários que se encontram, escutam e se comprometem com o destino do povo. Como veremos mais adiante, o Papa Francisco conduz-nos por esse caminho na sua exortação apostólica *“Evangelii Gaudium”*, usando algumas figuras que entendemos muito bem: *“Um pastor de saída e com o cheiro a ovelhas ...”*.

Trata-se de encarar a missão com o mesmo entusiasmo de São Luís Maria Grignon de Montfort, o nosso santo fundador. Por isso, uma boa leitura meditada do Tríptico nos fará muito bem.

Naquele mesmo mês de outubro aconteceu o Sínodo dos Bispos, cujo tema principal foi *“Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”*. O caminho de preparação para aquele Sínodo começou com a atitude de escuta sinodal na própria região amazônica. Escutar não é uma atitude fácil, requer tempo, paciência e honestidade. O missionário deve ser uma pessoa disponível para ouvir e acessível para o encontro.

Convido-vos também a fazer memória da missão de cada um de nós, como pessoa e como Congregação, como Companhia de Maria ao serviço do Evangelho. Tomemos um tempo para meditar no episódio dos discípulos de Emaús. Os discípulos missionários que, depois de enfrentarem a desilusão e a dor da paixão de Jesus, caminham errantes, sem alento até ao novo e

decisivo encontro com o ressuscitado. Jesus caminhou com eles e caminha connosco pelos caminhos difíceis e, muitas vezes, destinos perigosos da missão. Cabe a nós fazer a experiência da sua presença e constatar mais uma vez: *“Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”* (Lc 24, 32).

Como podeis ver, na carta partilho as experiências de algumas pessoas, alguns textos, alguns artigos e documentos. Dividi o assunto por nomes de pessoas e por lugares de missão. Espero que a carta não seja chata de ler.

Meus irmãos, boa leitura. Com alegria e entusiasmo sempre.

2. O MÊS MISSIONÁRIO EXTRAORDINÁRIO

Existem muitos documentos, artigos, mensagens que circulam desde o anúncio, em 2017, do mês missionário extraordinário do ano 2019. Escolhi duas cartas do Papa Francisco sobre esse assunto; escolhi alguns parágrafos, no entanto, vale a pena lê-los completamente.

A primeira é a carta por ocasião do centenário da promulgação da carta apostólica do Papa Bento XV “*Maximum illud*”. A segunda é a carta do mês de junho de 2018, escrita pelo Papa Francisco aos *diretores das Pontifícias Obras Missionárias* sobre a preparação do Mês Missionário Extraordinário de outubro de 2019.

2.1 Palavras do Papa Francisco

Carta do Santo Padre Francisco por ocasião do centenário da promulgação da carta apostólica “*Maximum illud*” sobre a atividade realizada pelos missionários no mundo, (22/10/2017).

Foi no ano de 1919 que o Papa, após um tremendo conflito mundial, e que ele próprio definiu como um “massacre inútil”, compreendeu a necessidade de dar uma marca evangélica à missão no mundo, para purificá-la de qualquer aderência colonial e longe daquelas visões nacionalistas e expansionistas que causaram tantos desastres.

“A Igreja de Deus é católica e típica de todos os povos e nações”, escreveu ele, exortando também a rejeitar qualquer forma de busca de interesses, uma vez que apenas o anúncio e a caridade do Senhor Jesus, que se espalham com a santidade de vida e as boas obras são a

única razão da missão. Assim, usando as ferramentas conceituais e comunicativas da época, Bento XV deu um grande impulso à “missão ad gentes”, propondo-se despertar a consciência sobre o dever missionário, especialmente entre os sacerdotes.

Isso responde ao convite permanente de Jesus: “Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a todas as criaturas” (Mc 16, 15). A adesão a essa ordem do Senhor não é uma opção para a Igreja: é sua “tarefa obrigatória”, como recordou o Concílio Vaticano II, uma vez que a Igreja “por natureza é missionária”. “A evangelização é, de fato, a graça e a própria vocação da Igreja, a sua identidade mais profunda. Ela existe para evangelizar”.

O Papa Francisco continua a carta pedindo que superemos a tentação que nos impede de sermos verdadeiramente missionários. Estas palavras do Papa Francisco levam-nos a reler as conclusões do Capítulo Geral de 2017, os seis desafios e os seis pontos de alerta, uma vez que se trata de olhar em frente com um olhar de esperança, que exige medidas concretas em direção à missão “Ad gentes”.

A Carta Apostólica “Maximum Illud” exortou, com espírito profético e franqueza evangélica, a deixar os limites das nações para testemunhar a vontade salvadora de Deus através da missão universal da Igreja. Que a data já próxima do centenário desta carta seja um estímulo para superar a tentação recorrente que se esconde em todos os tipos de introversão eclesial, no fechamento autorreferencial, na segurança dos próprios limites, em todas as formas de pessimismo pastoral, em qualquer

nostalgia estéril do passado, para nos abriremos à alegre novidade do Evangelho.

Esta carta termina ampliando o horizonte, não apenas para os sacerdotes missionários, mas para todos os fiéis, para que o amor à missão cresça.

Com esses sentimentos, e aceitando a proposta da Congregação para a Evangelização dos Povos, convoco um mês missionário extraordinário em outubro de 2019, a fim de despertar ainda mais a consciência missionária da “missão ad gentes” e retomar com um novo impulso a transformação missionária da vida e da pastoral. Poderemos fazê-lo, também durante o mês missionário de outubro do próximo ano, para que todos os fiéis levem nos seus corações o anúncio do Evangelho e a conversão missionária e evangelizadora das suas próprias comunidades; para que o amor pela missão cresça, o que “é uma paixão por Jesus, mas, ao mesmo tempo, uma paixão pelo seu povo”.

Da mesma forma, é significativa a carta aos diretores das Obras Pontifícias Missionárias. Nela nos lembra que a missão que realizamos não é nossa criação, mas a ação do Espírito Santo.

De alguma forma, o que o Papa diz, reflete-se na convicção do Padre de Montfort sobre a Companhia de Missionários: *“Lembrai-vos da vossa Congregação. Só a vós pertence, com a vossa graça, formar esta assembleia. Se for o homem o primeiro a lançar mãos à obra, nada será feito; se nisso meter algo de si mesmo, estragará e dará cabo de tudo. Senhor, Deus Onipotente, é obra exclusivamente vossa!”* (OA 26).

Carta aos diretores das Pontifícias Obras Missionárias (01/06/2018):

Temos diante de nós um caminho interessante: a preparação do Mês Missionário Extraordinário de outubro de 2019, que convoquei durante o último Dia Mundial das Missões de 2017. Convido-vos a viver esta fase de preparação como uma grande oportunidade para renovar o compromisso missionário de toda a Igreja. É também uma ocasião providencial para renovar as nossas Pontifícias Obras Missionárias. As coisas devem sempre ser renovadas: renovar o coração, renovar as obras, renovar as organizações, porque, caso contrário, todos nós acabaríamos num museu. Temos que renovar para não acabar num museu.

Mais adiante continua:

Portanto, não renovar apenas o antigo, mas permitir que o Espírito Santo crie coisas novas. Não nós: o Espírito Santo. Dar espaço ao Espírito Santo, deixar que ele crie algo novo, faça novas todas as coisas (Cf. Sl 104,30; Mt 9,17; 2 Pd 3,13; Ap 21,5). Ele é o protagonista da missão: ele é o “chefe da oficina” das Pontifícias Obras Missionárias. É Ele, não nós. Não tenhais medo da novidade que vem do Senhor Crucificado e Ressuscitado: essa novidade é linda. Temei outras novidades: essas não estão certas. Aquelas que não vêm dessa raiz. Sede corajosos e valentes na missão, colaborando com o Espírito Santo em comunhão com a Igreja de Cristo (Cf. Exortação Apost. Gaudete et exultate, 131). E essa ousadia significa caminhar com coragem, com o fervor dos primeiros que anunciaram o Evangelho. Que o vosso livro habitual de oração e meditação seja os Atos dos Apóstolos. Ide lá para encontrar inspiração. E o protagonista deste livro é o Espírito Santo ...

“Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo”. Esse é o tema que escolhemos para o Mês Missionário de outubro de 2019. Com ele, queremos sublinhar que o envio à missão é uma vocação inerente ao batismo e é para todos os batizados. Desta forma, a missão é envio para a salvação, que realiza a conversão do enviado e do destinatário: a nossa vida é, em Cristo, uma missão! Nós mesmos somos missão porque somos o amor de Deus comunicado, somos a santidade de Deus criada à sua imagem. Portanto, a missão é a nossa própria santificação e a de todo o mundo, desde a criação (Cf. Ef 1,3-6). A dimensão missionária do nosso batismo traduz-se assim num testemunho de santidade que dá vida e beleza ao mundo.

No final desta carta, o Papa Francisco nos apresenta Maria no episódio da Visitação, a atitude missionária de Maria que *“era serva do Senhor...ela não era a protagonista, mas a serva do único protagonista da missão”*.

3. A CARTA DO PADRE DE MONTFORT AOS ASSOCIADOS DA COMPANHIA DE MARIA

As palavras de sabedoria do Padre de Montfort encorajam-nos sempre. A sua vida e os seus escritos são testemunhos de confiança, otimismo e esperança, mesmo nos momentos mais negros e difíceis da missão. A contemplação de Jesus Sabedoria, a proximidade com os pobres, a criatividade missionária, a compaixão pelos e com os pecadores e tudo o que viveu no campo da missão são encontradas nesta exortação.

O Padre de Montfort exorta os membros da Companhia a permanecerem fiéis ao espírito da pobreza evangélica e a confiar na divina Providência. São Luís Maria previu que o número de membros da Companhia não seria muito grande e possivelmente fraco, por isso esta exortação chega também até nós, pequena Companhia.

3.1 Palavras de São Luís Maria de Montfort

Os números da exortação que foram escolhidos convidam-nos a uma atitude de confiança, de oração e gratidão ao Senhor que, na sua Providência, manifestou o seu amor aos seus missionários.

Não temas, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino (Lc 12,32). Não temas, mesmo que naturalmente, haja razões para temer: tu és apenas um pequeno rebanho e tão pequeno que até um menino te poderá contar (Is 10,19) (ACM, 1).

Eu sou a tua proteção e defesa, ó pequena Companhia; estás impressa no meu coração e gravada nas minhas mãos para te acarinhar e te defender porque colocaste

toda a tua confiança em mim e não nos homens, na minha Providência e não no dinheiro... carregar-te-ei nos meus ombros e te nutrirei. De tal maneira vou armar-te com a minha verdade, e com tanta força que irás ver com teus próprios olhos cair a teu lado teus inimigos, aos milhares: mil pobres maus irão cair à tua esquerda, dez mil ricos maus cairão à tua direita, e tu não serás atingida. (ACM 3).

São estas, cara e pequena Companhia de Maria, as promessas admiráveis que Deus te faz pela boca do Profeta, desde que ponhas nele toda a tua confiança, por Maria.

E uma vez que vives completamente abandonada à Providência, cabe a Deus proteger-te, multiplicar-te e dizer-te: “Cresce e multiplica-te, enche e domina a terra” (Cf. Gn 1, 28); portanto, não temas o teu pequeno número. Cabe a Deus defender-te, não temas, pois, teus inimigos. Cabe a Deus vestir-te, nutrir-te e conservar-te, por isso, não temas que te venha a faltar o necessário, nestes tempos difíceis, que só são maus porque há falta de confiança em Deus (Cf. Mt 6, 26-34). Deus se encarregará de glorificar-te (Cf. Sl 91, 15); não temas, pois, que te tirem a tua glória. Numa palavra, nada temas e dorme em segurança sobre o seu coração paternal (ACM 4).

Mas seria muito pouco nada temer; ele quer que tu esperes dele grandes coisas e que esta esperança te encha de alegria.

É esse rico e bom Pai que quer dar-te o reino da sua graça. Cada um de vós é rei e sacerdote de Deus (Cf. Ap 5, 10), pelo fato que é cristão devido ao seu sacerdócio; mas é ainda rei através da pobreza voluntária: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus.” (Mt 5, 3) (ACM 5).

Certamente, não é o único escrito do Padre de Montfort que alimenta o nosso espírito missionário e nos leva a confiar na Divina Providência. Todos os documentos do “*Tríplico*”, as diferentes “*Cartas*” e vários dos seus “*Cânticos*” são uma fonte inesgotável que sacia o missionário sedento.

4. A CARTA CIRCULAR: COMUNIDADE APOSTÓLICA MONFORTINA

Em maio de 1996, o padre William Considine (P. Bill), Superior Geral, deu-nos uma bela “Carta Circular sobre a Comunidade Apostólica Monfortina”. Com base nalgumas constatações durante a preparação do Capítulo Geral de 1993 sobre “*a fraqueza do nosso modo de viver a comunidade apostólica... também detetaram sinais de vida e esperança, tais como o desejo de viver juntos, o desejo de acolhimento mútuo, o desejo de comunicação, mesmo internacional, o desejo de valorizar de forma nova a vida religiosa apostólica, inspirada nas intuições originais do Fundador*” (n. 1), convidou-nos a uma profunda reflexão sobre a comunidade apostólica.

Neste primeiro parágrafo, a Carta relembra o que os membros do Capítulo Geral disseram: “*As nossas comunidades são afetadas constantemente pelo individualismo e perigo de dispersão, o que se manifesta frequentemente pela dificuldade de rezar juntos. Em alguns lugares, a inspiração monfortina é frágil, tanto nas comunidades constituídas já há muito tempo, por causa do desgaste, como nas comunidades jovens, por causa da falta de tradição monfortina*” (n. 5).

O individualismo e a dispersão são sempre um perigo latente na nossa vida e missão. Não tenho a certeza se, depois do Capítulo

Geral de 1993, as coisas melhoraram. O que sei é que a carta sobre a Comunidade Apostólica de Monfortina está sempre atual e nos ajudará, neste momento, a examinar com honestidade o valor que damos à vida da comunidade e à sua necessidade para o cumprimento da missão monfortina nos dias de hoje.

4.1 Palavras do Padre William Considine

Tal como para os outros textos, selecionei “algumas palavras”, algumas partes da Carta do p. Bill, como um convite para a ler novamente em humilde atitude de conversão, quando necessário. É significativo, no parágrafo 4 da Carta, a menção do texto de Blain sobre o missionário e a Sabedoria:

Existem diferentes tipos de sabedoria...; uma é a sabedoria de uma pessoa de comunidade... e outra a sabedoria de um missionário e de um homem apostólico; seguindo a primeira não tem nada novo a empreender, a não ser deixar-se conduzir pela regra e pelos costumes de uma santa casa;... os primeiros, permanecem tranquilos e escondidos, enquanto os segundos, tendo que enfrentar contínuos combates com o mundo, o diabo e os vícios... deveriam realizar novos projetos...; numa palavra, se a sabedoria consistisse em não assumir nada de novo por Deus nem pela sua glória, por temor ao que diriam de si, os apóstolos teriam feito mal ao sair de Jerusalém e teriam que fechar-se no Cenáculo; São Paulo não teria que fazer tantas viagens, nem São Pedro teria que assumir a cruz no Capitólio... (Blain, 335-337)

Comentando este texto, o p. Bill convida-nos à opção missionária radical, de deixar a preguiça ou o conforto, ser

criativos para “sair de Jerusalém” - como que antecipando o Papa Francisco, que nos convida a ser uma “Igreja em saída”.

A primeira sabedoria caracteriza-se pela ausência de tudo o que é novo, a observância de algumas normas e a permanência em uma casa religiosa; a segunda sabedoria se caracteriza pela novidade, a realização de alguma coisa, o compromisso numa luta, uma tarefa a realizar no mundo. O título de “homem apostólico” confere ao missionário uma legitimidade, e mais ainda, coloca-o no centro do acontecimento no qual se fundamenta todo o apostolado: sair de Jerusalém. A afirmação acentua o movimento, o dinamismo: deixar a segurança do Cenáculo para se arriscar fora de Jerusalém...Montfort justifica a sua conduta baseando-se no Novo Testamento e no exemplo do Senhor Jesus e dos Apóstolos. O Padre de Montfort, situa-se ele próprio, neste movimento apostólico: sair de Jerusalém... (n. 5).

A descoberta que vem a seguir é um complemento à anterior, ou seja, um missionário “*que sai de Jerusalém*”, como os discípulos de Emaús mencionados no início desta carta, não vai sozinho, é um homem de comunidade que fala sobre as Escrituras e faz memória de Cristo no pão repartido. Não vamos parar agora nas discussões possíveis sobre o que é viver em comunidade ou criticar os confrades que moram sozinhos, mas deixemo-nos guiar pelo seguinte pensamento da carta:

*E, contudo, Montfort deseja fundar uma Companhia de Missionários; o seu “homem apostólico” será também um “homem de comunidade”. É um paradoxo: **homem apostólico e homem de comunidade**. Montfort une duas realidades num estado constante de tensão dinâmica. Quando uma procura excluir a outra, haverá crise e*

conflito. É a crise da Igreja de Jerusalém, de uma comunidade voltada para si mesma causada pelo medo e preocupações provocadas pela admissão dos “gentios”, os “outros”; uma Igreja tímida e assustada pela audácia de Paulo e a imprudência de Pedro. Esta crise da Igreja de Jerusalém é também a que inquietava o cônego Blain e criará sempre dificuldades à comunidade apostólica. É a tensão contínua que existe na nossa comunidade monfortina entre o homem apostólico e o homem de comunidade (n. 6).

Algo que deveria estar profundamente enraizado no nosso coração missionário e que deve motivar-nos para todos os projetos missionários, é a certeza de que tudo o que posso fazer será melhor quando o fizer em comunidade. P. Bill usou a belíssima expressão: “A Comunidade Apostólica de Montfort é o lugar do Evangelho”; isso, certamente, traz consequências.

...Uma comunidade apostólica monfortina é o espaço do Evangelho. Junto com os meus irmãos de comunidade, necessito escutar a Boa Notícia, crer nela, converter-me nela até chegar a ser eu mesmo Boa Notícia para os meus confrades antes de ir anunciá-la fora. E sempre, é necessário que tudo isto se encarne verdadeiramente, aconteça de fato. É necessário, pois, dedicar tempo para estar fisicamente presentes uns com os outros, dedicar um tempo para reunir-se, para conhecer-se, para rir e chorar juntos, para ajudar-se e compreender-se. É necessário dedicar tempo para perdoar e ser perdoado, encontrar tempo para “lavar-se os pés mutuamente”, através de ações simples e concretas. É necessário dedicar um tempo para estar espiritualmente presentes uns com os outros: num ritmo que seja realista e real, numa oração encarnada na nossa vida e apostolado... (n. 22).

Como sempre, a seleção de textos é limitada, há muito mais riquezas na Carta Circular do p. Bill, somos convidados a relê-la com amor e a rezar com a mesma esperança da conclusão da carta:

Rezo para que nas vésperas do quinquagésimo aniversário da canonização do Padre de Montfort, a Companhia de Maria e toda a família monfortina, religiosos e leigos, se atrevam com audácia a colaborar em novas formas de missão para o futuro. Rezo para que, graças a uma experiência de encarnação profundamente monfortina, testemunhemos a Comunhão de Amor, o próprio Deus, e a Boa Notícia que é Jesus Sabedoria: “O que vimos com nossos olhos, o que as nossas mãos tocaram..., vo-lo anunciamos, também a vós, para que vós também estejais em comunhão conosco ... e a nossa alegria seja completa” (n. 27).

5. A MISSÃO MONFORTINA NO MUNDO DE HOJE.

O título deste capítulo parece muito ambicioso. Naturalmente, não pretendemos falar de toda a missão monfortina no mundo. O título deseja chamar a nossa atenção para uma missão atualizada, encarnada, concreta nalguns lugares onde exercemos a missão monfortina. De fato, quando pensamos em missão, pensamos em realidades concretas: a pessoa do missionário, as suas forças, habilidades, entusiasmo, limites, fragilidades, ânimos e desânimos; consideramos os lugares, o tempo, as situações, pessoas e culturas. Cada lugar exigirá alguma ação específica. Não é bom querer realizar a missão da mesma maneira em diferentes partes do mundo

Se considerarmos que a missão é a resposta, é o compromisso que assumo diante dum apelo, podemos afirmar com o p. Luís Mosconi, que vida é missão. *A missão está no coração da vida. Negar a vida como missão é negar o sentido da vida* (Cf. Mosconi, Luís. *A vida é missão, para uma missiologia mística popular*, Gráfica Sagrada Família, 6ª Edição, páginas 30-31).

No mundo de hoje, em todos os Continentes, vivem-se situações difíceis e desafiadoras para a missão. Não podemos estar alheios à dor, à fome, aos diferentes modos de sofrimento de milhões de pessoas. O *mistério da encarnação*, elemento central da nossa espiritualidade, a proclamação diária do “*Verbo feito carne e que habitou no meio de nós*” não nos permite ser insensíveis ao ser humano sofredor.

De acordo com um relatório da Organização Médicos Sem Fronteiras, “*o mundo cumpriu outro triste recorde, o de pessoas deslocadas e refugiadas: alcançamos o número mais alto desde a Segunda Guerra Mundial. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, cerca de 70 milhões de*

pe^{so}as viviam deslocadas à força em 2018, expulsas das suas casas pela violência e pela guerra. Algumas são deslocadas internamente dentro do seu próprio país, e outras cruzaram fronteiras para se tornarem refugiadas.

As populações deslocadas estão sujeitas a abusos constantes e, geralmente, não têm asseguradas as suas necessidades mais básicas, principalmente atendimento médico, moradia, alimentação, água e saúde.

Atualmente, também existem grandes movimentos populacionais motivados por necessidades e misérias extremas, ao longo de rotas migratórias muitas vezes perigosas e marcadas pela exploração e pela violência ”(Cf. <https://www.msf.es>).

O deslocamento não é a única realidade que gera sofrimento e morte, há problemas familiares, desemprego, falta de evangelização nas áreas rurais e urbanas; As consequências das mudanças climáticas são a maior preocupação e afetam o mundo inteiro. Podemos concluir a lista de situações complexas a partir das realidades em que cada um vive.

Convido-vos a “ouvir” o que os nossos missionários nos dizem. É uma partilha da experiência missionária concreta, entre choros e alegrias, o que eles viveram ou o que estão a viver nos diferentes Continentes. É bom repetir que não podemos abraçar a realidade de todos os continentes, mas refletir sobre a missão e a experiência missionária em alguns lugares específicos.

Alguns textos eram muito longos, tive que resumir alguns pensamentos, no entanto, as mensagens não perderam a sua essência, o seu conteúdo.

5.1 ÁFRICA

De maneira alguma queremos, com os testemunhos seguintes, referir-nos a toda a África, a todas as culturas da África como se tudo fosse o mesmo, não - esse não é o objetivo. O que esperamos é que, ouvindo o que os nossos confrades nos contam, os “ouvidos do nosso coração” se abram para esse lugar no mundo. A África sempre será um mistério, sempre terá algo de mítico e o lugar da resistência de diferentes culturas às pressões de culturas estrangeiras. Ao ouvir os nossos confrades, aproveitemos a oportunidade para rezar por todos os missionários, leigos, religiosos e religiosas que estão nos lugares mais difíceis da missão.

5.1.1 Palavras do P. André Babusia - Delegação Geral Francófona no Congo

A partir da sua experiência, o padre André Babusia partilha connosco o que hoje se entende por missão monfortina. As suas lutas, os seus sofrimentos, os incontáveis trabalhos missionários e os delicados momentos de saúde estão patentes neste texto, simples e profundo.

A nossa missão é a nossa maneira específica de “*usar o evangelho*” (hoje), para Montfort; e no esforço diário de ser, como e com Maria, dócil ao Espírito Santo, num amor preferencial pelos pobres de hoje para construir o Reino de Cristo: Reino de Amor e Misericórdia, sem fronteiras e com opção de escolha, situações fronteiriças, concentrando constantemente a nossa atenção e sensibilidade nas necessidades da Igreja e do mundo dos nossos dias.

Essas necessidades de hoje, circunscritas em diferentes configurações de espaço-tempo, impõem uma análise hermenêutica rigorosa e ousada dos sinais dos tempos.

A tensão motivadora interna e emocional que anima a Missão Monfortina de hoje pode ser formulada da seguinte forma: o ser humano é o caminho para Deus.

Tal missão **proclama** o Evangelho considerando todas as dimensões do ser humano e toda a criação. Isso sugere a imensidão do trabalho a ser executado e as tarefas a serem realizadas.

Ela **denuncia** as falsas sabedorias, começando por uma verdadeira conversão pessoal e um apelo, pelos atos, à metanoia do que nos rodeia. Não se cala ou fecha os olhos diante das situações desumanas. Ela não está tranquila nem em paz, enquanto houver sofrimento e injustiça.

Ela **renúncia** a todo amor egoísta e interesses pessoais; afasta-se de qualquer uso abusivo de poder; pode-se perder tudo, exceto o essencial: fé em Jesus Cristo. Ela renuncia à vingança.

Ela **anuncia** (sem gritos nem alaridos, mas através da articulação do quotidiano existencial), sinais de paz, misericórdia, perdão, alegria, fraternidade e solidariedade em tempos de guerras, inseguranças, desastres, perseguições, calúnias, isolamento, doenças, tensões e mal-entendidos.

Ela **pronuncia** com convicção as máximas do Amor e da Misericórdia de Deus sobre os seus amigos: os pequenos e os pobres. Ela é porta-voz das bem-aventuranças e esforça-se sempre em ser um sinal da ternura de Deus para com eles.

Em vista do exposto, esta missão monfortina exige hoje:

- Liberdade de espírito para decidir, diariamente, estar do lado de Deus, sem se afastar da realidade, como uma figura interpelante, neste mundo de múltiplos olhares anticristãos.
- Uma fé firme e simples que se alimenta de uma vida disciplinada de oração pessoal e dos sacramentos da Igreja.
- Grande capacidade de adaptação e autoaprendizagem constante. Somos minas de talento; é necessário dar frutos. Sabemos, por exemplo, que existem missionários que são sacerdotes, e também através dos seus próprios esforços, como autodidatas: arquitetos, enfermeiros, educadores, professores, instrutores agrícolas, canalizadores, mecânicos, agentes de desenvolvimento rural, farmacêuticos.
- Ultrapassar os preconceitos raciais, tribais, regionais, culturais, ideológicos, políticos e económicos para um “*fazer juntos*” eficaz, eficiente e cristão.
- Uma boa dose de paciência e uma forte confiança na Providência; especialmente durante momentos tumultuados.
- Uma fidelidade, sem hesitação, ao Espírito Santo durante os momentos das cruces inerentes à vida missionária: perseguições, espancamentos, calúnias, opressão, tensões, mal-entendidos, ciúmes, ódio. Porque essas cruces são uma escola de paciência, perdão e esperança, onde o Senhor nos coloca para sermos moldados pelo seu Espírito.
- Uma cultura altruísta animada por uma boa administração das “*coisas comuns*” (*res communes*).
- Um profundo sentimento de pertença à Companhia de Maria e o desejo de se tornar embaixador da Monfortania nos meandros da vida quotidiana.

5.1.2 Palavras do P. Louis Nkukumila - Delegação Geral Anglófona no Malawi

Como reconhecer uma “missão à lá Montfort”? Tendo como ponto de partida algumas atividades concretas, o p. Louis Nkukumila partilha connosco, de maneira concreta, o seu pensamento sobre esse assunto.

Missão porta a porta “Nós iremos a eles”

Entre as várias atividades missionárias que realizamos na paróquia de Balaka, gostaria de destacar uma atividade única e que causou impacto na minha vida como sacerdote religioso Monfortino e vejo que é típico “à lá Montfort”. De fato, Montfort queria que fossemos “missionários” que continuaríamos a missão que Cristo confiou à sua Igreja: “Para que houvesse bons missionários na sua Igreja” (OA 3). “Eles são chamados por Deus para pregar missões ...” (Cf. RM 2).

É uma missão que chamei de “Missão porta a porta” porque envolve visitar todos e cada cristão em sua casa. A nossa missão na Igreja consiste em revelar o mistério da salvação àqueles que ainda não o conhecem, e ajudar aqueles que já ouviram a Boa Nova a redescobrir e aprofundar esse mistério mediante uma consciência renovada do significado de seu compromisso cristão. Esta é a missão que eu gostaria de partilhar convosco.

Porquê embarcar nesse tipo de missão?

A paróquia de Balaka tem aproximadamente 40.000 paroquianos. A área geográfica de Balaka é composta por pessoas que foram vítimas de desastres naturais,

instabilidade política, fome, corrupção e pobreza. Acima de tudo, estas também são vítimas das novas igrejas pentecostais que agora se estão a multiplicar em Balaka. Vale a pena notar que a paróquia de Balaka tem perdido alguns de seus paroquianos por causa dessas igrejas pentecostais. Isto é particularmente mais visível entre os paroquianos que estão em aldeias mais remotas da paróquia de Balaka, onde a Igreja está distante.

Qual é o propósito dessa missão?

O meu desejo era estar com as pessoas, partilhar as suas alegrias e tristezas, ajudá-las a realizar os seus sonhos, levar-lhes uma mensagem de libertação; de fato, todo o exercício estava destinado a que voltassem ao Evangelho. Isso apontava para uma renovação espiritual da sua vida cristã.

O que isso implica?

O exercício envolveu visitar cada família em cada pequena comunidade cristã.

A equipa pastoral e eu sempre começávamos de manhã cedo a pé, visitando casa a casa. Isto durava o dia inteiro. Principalmente rezávamos, partilhava-se a palavra de Deus com as famílias e, finalmente, inteirávamo-nos sobre a sua vida sacramental. Cada encontro por família dura em média 30 minutos. Na verdade, cada encontro destina-se a escutar e depois a partilhar a palavra de Deus com elas. Isso continua durante toda a semana, dependendo do número de famílias da pequena comunidade cristã. No final da visita, todos os sábados, organizamos um retiro espiritual de um dia para todas as pessoas que visitámos durante aquela semana em particular. Em seguida, todo o exercício terminaria num domingo com uma grande celebração da missa. Durante a missa, os cristãos renovariam o seu compromisso cristão. Na semana

seguinte, começaríamos novamente com novas famílias de diferentes pequenas comunidades cristãs.

Resultados:

Os resultados deste exercício porta a porta foram surpreendentes. A resposta do povo lembra-me os 72 discípulos que foram enviados dois a dois por Jesus, que disse: “Senhor, até os demônios nos obedeceram por causa do teu nome” (Lc 10,17).

Em quase todas as visitas que fizemos a diferentes lares, pudemos ver a alegria desses simples cristãos. Aparentemente, ser visitado por um padre foi um acontecimento extraordinário para eles. Em resposta, eles preparavam sempre comida simples para nós (embora não tivessem muito) e frequentemente ofereciam-nos presentes simples para levar para casa. No entanto, essas são pessoas muito simples e economicamente pobres.

Um bom número de famílias que visitámos era de pessoas que tinham deixado a Igreja por algum motivo, algumas eram casais que nunca se casaram na Igreja, outras simplesmente deixaram de ir à Igreja.

Após esse exercício, vimos muitas pessoas regressarem à Igreja e renovarem a sua vida sacramental. Por exemplo, numa igreja chamada Matola, a resposta foi surpreendente. Após todo o trabalho nessa área em particular, tivemos 28 casais que celebraram o seu casamento na Igreja, 16 pessoas voltaram à sua vida sacramental e 8 pessoas regressaram à Igreja católica depois de terem desertado para outras igrejas locais ou pentecostais. Em geral, foi uma renovação do seu compromisso cristão.

Onde consegui essa inspiração?

Essa inspiração remonta aos nossos três confrades pioneiros que viveram em Nzama há cerca de 117 anos. Esses confrades perguntavam-se o que poderiam fazer para ajudar as pessoas, especialmente as que moravam longe da missão. Depois de algum tempo, um deles disse “iremos até eles ...”. Os três missionários encontraram o cerne de seu compromisso missionário em ir até às pessoas e ser seus companheiros de viagem pela vida.

Da mesma forma, senti que o povo de Deus de Balaka poderia ser re-evangelizado usando o mesmo método que é tipicamente monfortino.

Conclusão:

A preocupação de Montfort ao longo de toda a sua vida foi a mediocridade na fé que se vivia em toda a Igreja. Como resultado disso, os cristãos viviam uma vida longe do ideal de Jesus, a Sabedoria Encarnada que, por amor, veio construir a relação com o homem. Consequentemente, Montfort queria que a fé fosse uma decisão consciente, responsável e pessoal. A consagração a Jesus através de Maria foi, segundo ele, uma perfeita renovação dos votos e promessas do santo batismo (VD 120). Acho que é isso que um monfortino hoje é chamado a viver e a pregar. Sinto que é por isso que somos batizados e enviados ...

5.2 AMÉRICA

Ler as experiências, passando de um Continente a outro, ajudamos a ver como a missão é dinâmica e como a diversidade é um dom, um presente do Espírito para toda a Igreja.

A América é o enorme continente de civilizações antigas e modernas. Lugar das grandes metrópoles e das grandes florestas. Os países onde os Monfortinos realizam a missão são marcados por vários tipos de realidades religiosas, políticas e sociais. A América é uma terra de mártires, até mártires monfortinos. A missão não pode voltar as costas àqueles que sofrem perseguição política ou são reprimidos pelas forças militares; a missão não pode ignorar a fé simples e profunda do povo de diferentes religiões. Escutemos com carinho as experiências desses nossos missionários.

5.2.1 Palavras do P. Francis Pizzarelli - Vice-Província dos Estados Unidos

O padre Francis conta-nos esta experiência vivida numa grande área urbana dos Estados Unidos. Não há como não ver no seu relato o significado da missão monfortina que sacia o coração dos pobres e converte os corações dos insensíveis. Há que considerar o seu esforço através dos estudos em resposta a essa realidade, porque, em muitos casos, apenas boa vontade não é suficiente.

No dia 28 de abril de 2019, na festa do nosso fundador, São Luís de Montfort, celebrei os meus 40 anos de ordenação como sacerdote Missionário Monfortino, na província dos EUA. Por mais de 39 anos dos meus 40 anos como missionário monfortino, passei a minha vida no meio dos

mais pobres. Com total confiança na Providência, abri um abrigo para os sem-teto, um lar para mulheres agredidas e grávidas, duas escolas secundárias alternativas para jovens em risco, uma residência de transição para quem sai da prisão, uma clínica de serviços de saúde mental com programa completo de tratamento de ambulatório para dependentes químicos, um centro de aconselhamento clínico para famílias e crianças e o coração do meu ministério: a **Casa Hope**, (Casa da Esperança) um programa de internamento e tratamento não tradicional a longo prazo para dependentes químicos.

Eu vivi entre os mais pobres dentre os pobres a quem tenho servido desde o início do meu ministério. Todos os dias vejo a dor e o sofrimento da nossa humanidade quebrada. Choro com eles, celebro as suas alegrias e triunfos, os seus sonhos e as suas esperanças de que o amanhã seja melhor.

Como tudo isso começou? Porque me tornei missionário monfortino? Eu sou o mais velho de cinco filhos. Nasci numa família católica irlandesa-italiana tradicional. Os meus pais deram-me o exemplo, especialmente a minha mãe.

A fé nos primeiros anos da minha vida foi a pedra angular do meu caminho. Eu senti que a melhor maneira de fazer a diferença era ser padre. No entanto, o sacerdócio diocesano não me atraiu; mas a vida religiosa, sim. Quando eu era jovem, tinha uma profunda devoção a Maria Santíssima e um desejo de viver com simplicidade e trabalhar entre os pobres.

Quando iniciei a minha busca, fui atraído por uma variedade de comunidades religiosas. Eu procurava uma congregação que tivesse caráter mariano e um profundo

compromisso com os pobres, uma comunidade pequena em número, mas também muito humana.

Os missionários monfortinos americanos possuíam todas essas qualidades e muito mais. O meu noviciado e a minha formação teológica basearam-se nas melhores práticas do Vaticano II. Estudei teologia na Universidade Católica da América, em Washington DC, onde fui ordenado diácono e trabalhei como professor-instrutor e administrador de uma escola católica pobre.

Quando olho para trás, esse capítulo da minha vida foi provavelmente o mais formativo, inspirador e transformador do meu caminho.

Foi durante o meu último ano de formação que percebi claramente que Deus me chamava para trabalhar com os mais pobres e a pregar pelo meu modo de vida, trabalhando e usando apenas a palavra quando fosse necessário.

Em janeiro de 1979, recebi a minha primeira missão, finalmente já professo Monfortino. Esperava ser enviado como missionário para a Nicarágua. Então, quando me enviaram à Paróquia Monfortina do Menino Jesus Cristo em Port Jefferson, New York, a cerca de 60 milhas a leste da cidade de New York, fiquei tristemente decepcionado. Naquele momento, conversei bastante com o meu provincial sobre o não acreditar que possuía as habilidades necessárias para trabalhar nessa comunidade abastada. Ele escutou-me por cerca de 40 minutos (ele tinha mais 40 anos que eu). Agradeceu-me por partilhar as minhas preocupações e depois disse-me: tu irás para Port Jefferson, irás gostar de ir para Port Jefferson e que, se tu

souberes o que é bom para ti, farás um bom trabalho em Port Jefferson!

O resto é história. Fui duplamente abençoado por trabalhar numa comunidade de pessoas incríveis. Todos os dias vejo os milagres que aconteciam! Vejo que os cegos viam, que os surdos ouviam e que os doentes eram curados!

Além da minha formação teológica, tenho formação de pós-graduação em educação religiosa da Universidade Católica da América. Sou sociólogo treinado e organizador comunitário, com diploma e mestrado em serviço social clínico, com especialização em dependências da Fordham University, da cidade de Nova York. A minha formação acadêmica profissional foi vital para os meus 40 anos de ministério. Estes últimos 40 anos deram-me outra ótica para ver os problemas do mundo em que vivemos. Isso ajudou-me a desenvolver um conjunto de capacidades para tocar os corações doentes e feridos que o seminário não me tinha dado.

As valências da *Casa da Esperança* ganharam vida quando eu era um jovem pároco na paróquia monfortina, conhecida como Paróquia do Menino Jesus. Está localizada a 65 milhas de Nova York, na costa norte de Long Island.

Os meus primeiros oito meses foram um batismo de fogo. Uma das minhas tarefas naquela época era de capelão noturno na sala de emergência do nosso hospital comunitário para dar ao capelão do hospital dois dias de folga. O seminário não me preparou para o que encontrei durante os primeiros oito meses. Eu tive que confortar e consolar as famílias que perderam os seus filhos devido a overdoses de drogas, suicídio, decapitação, violência e

imprudência. Eu tinha as habilidades mínimas para confortar e apoiar essas famílias enquanto choravam, mas percebia que Deus me estava a usar como um instrumento da sua cura e graça. Ele deu-me as palavras que aquelas famílias afetadas precisavam, o que as ajudava a levantarem-se e a curarem-se.

Essas circunstâncias dramáticas forçaram-me a olhar para o que estava a acontecer nessa comunidade mais ampla, onde muito tinha a ver com o que o dinheiro podia comprar. No entanto, onde muitos estavam espiritualmente falidos e empobrecidos.

Depois que um garoto de 10 anos se enforcou, contei a sua história na missa juvenil de domingo à noite, onde centenas de adolescentes se reuniam todos os domingos para adorar. Após a missa, inúmeros estudantes comentaram a minha intervenção e agradeceram-me por os desafiar a cada semana. Um aluno que me agradeceu por estar no último ano do ensino médio e terminou o seu comentário com um desafio: “O que é que a Igreja está a fazer para responder a essas trágicas circunstâncias humanas?” Não pude responder porque percebi naquele momento que a Igreja estava a fazer pouco ou nada para chegar aos mais pobres entre os pobres. Voltei para a reitoria naquela noite turbulenta, rebolei a noite toda e decidi que precisava viver a minha vida de maneira diferente e que precisava fazer mais.

A minha oração centrou-se na vida de Montfort. Como jovem religioso, eu sempre fui cativado pela sua vontade de ir e fazer o que não estava a ser feito pela Igreja. Como pregador itinerante, abordou as pessoas da rua, cantou canções em bares e construiu hospitais e escolas para os pobres. Ele percorreu a estrada menos percorrida pelo

clero de seu tempo. Ele fez o que a Igreja deveria estar a fazer, mas que tinha medo de fazê-lo. Durante esse forte período de discernimento, descobri o poder do seu cântico central na minha vida e do meu ministério, especialmente no seu cântico que nos desafia a buscar sempre o Deus escondido no nosso irmão e irmã.

Durante esse discernimento, recebi uma epifania que levou à fundação dos Ministérios da Casa da Esperança (*Hope House Ministries*), um serviço que apoia oito entidades diferentes, empregando 80 pessoas e conta com 300 voluntários que vivem o Evangelho todos os dias.

A missão dos *Hope House Ministries* é baseada no espírito de São Luís de Montfort, que tinha um compromisso com os pobres e a coragem de fazer o que ninguém mais tinha a coragem de fazer.

Esta é a nossa missão: prestar assistência compassiva, abrangente e competente aos pobres, marginalizados e feridos entre nós.

Esse compromisso está inserido na visão do evangelho de que toda vida é sagrada e que cada pessoa humana é única e tem o direito de ser respeitada e protegida.

Especificamente, estamos comprometidos com jovens e famílias em crise, mulheres grávidas e mães e bebês em crise e todas as outras pessoas feridas da nossa sociedade que são vistas como abandonadas e rejeitadas.

Por isso, procuramos ser homens e mulheres de esperança num mundo de sonhos desfeitos.

Esta viagem de 40 anos não foi fácil. Ela desafiou a minha fé, mas fortaleceu-me. Isso fez-me questionar a burocracia da Igreja e, às vezes, a sua cegueira em relação aos pobres entre os mais pobres. A minha fé saiu fortalecida pela minha colaboração com inúmeros leigos que realmente encarnam o Evangelho todos os dias pela forma como vivem.

O verdadeiro milagre da *Hope House Ministries* é a graça de Deus que atua através de mim e dos inúmeros colaboradores leigos. A minha confiança e dependência da Providência ajudaram-me a permanecer no caminho certo. Não cobramos nada pelos serviços. O dinheiro nunca é um obstáculo para ajudar as pessoas a recuperar as suas vidas. Atualmente, custa mais de 6 milhões de dólares a cada ano fazer o que fazemos!

Este ministério é genuinamente sobre esperança renovada. A esperança não nos abandona, nós não abandonamos a esperança. A esperança do Evangelho deve-se converter no hino da nossa alma. Então, a jornada continua, a história continua a contar com o milagre da mudança, da graça e da transformação. O espírito de Montfort tocou na minha alma.

Tenho o privilégio de fazer parte dum grupo de irmãos que, no nosso desalento, tentam ser agentes de cura e transformação num mundo ferido.

5.2.2 Palavras do P. Luciano Andreol - Delegação Peru-Brasil

Sáimos da América do Norte e vamos para a América Latina começando com esta bela experiência do p. Luciano Andreol que atualmente trabalha na cidade de São Paulo, a grande metrópole, numa paróquia na periferia onde os monfortinos chegaram há mais de 50 anos. O p. Luciano é italiano e missionário no Perú e no Brasil desde o início do seu sacerdócio.

A missão cristã força-nos a ser honestos com a realidade. Conversamos muito, amamos muito, muitas teorias que desenvolvemos, no entanto, o encontro com a realidade ajuda-nos a pôr os pés no chão. O p. Luciano compartilha connosco o que vem descobrindo ao longo da sua vida missionária na América Latina.

Livres ... com entusiasmo e paixão, como se fosse a primeira vez: isso não significa que o tenha conseguido praticar. É o ideal. Não foi fácil deixar pela primeira vez a Itália para o Peru. O que me ajudou foi, sem dúvida, a minha juventude e o entusiasmo dos primeiros anos. Não foi fácil deixar o Peru para o Brasil depois de mais de 10 anos em 2 comunidades diferentes e em vários serviços na entidade. Não foi fácil aceitar o serviço de superior delegado regressando para o Peru e depois novamente para o Brasil numa outra realidade.

O que me assusta agora é a idade, com os seus problemas de artroses e diferentes enfermidades. Mas continuo convencido de que, para a missão e a missão monfortina, precisamos sempre de liberdade, entusiasmo e paixão.

Santidade-Humanidade: em todos estes anos, experimentei quão grande é a minha humanidade e

pequena a minha santidade e, ao mesmo tempo, alguém que se torna santo a partir da sua humanidade. Aparecem todas as crises emocionais com a tua consciência que to recrimina “tu és um sacerdote, tu és santo” e tu não o és, mas sempre tentando caminhar. Montfort diz ao seu amigo Blain que ele nunca sentiu problemas de sexualidade ou algo parecido: Montfort é Montfort e Luciano é Luciano. As crises afetivas e o contacto contínuo com as pessoas, com tanta gente, por outro lado, fizeram-me mais humano e mais amigo dos homens e das mulheres.

Paróquia SIM-Paróquia NÃO: “É monfortino o trabalho na paróquia? O trabalho monfortino nas nossas paróquias pode ser definido como um trabalho missionário?” Na época de Montfort, o pároco era um clérigo rico, com muitos privilégios sociais e econômicos, mais voltado para o lucro, bens materiais, com grande gosto pelos “prazeres do mundo” e pouco pelos “prazeres espirituais”, com desinteresse pelo serviço e a evangelização a ele confiados. Não creio que seja o caso das nossas paróquias hoje em que o pároco e todos os que nelas trabalham, têm pouco tempo para descansar e cuidar de si próprios. Na paróquia, surgem ciúmes, “fofocas” e ataques de invejas; temos amigos, muitos amigos(as), mas também criamos inimizades. O padre monfortino não tem tempo para nada; as pessoas solicitam-no a todo momento. Já, pelo menos no meu caso, não existe segunda-feira como dia de descanso. Mais do que privilégios e lucros, abundam as críticas e os elogios são escassos.

Aquele que se entrega ao trabalho paroquial chora no íntimo do seu coração porque se sente limitado, desamparado/impotente e incapaz de poder fazer qualquer coisa para ajudar os que sofrem. Na vida paroquial, somos

“controlados” pelo nosso povo: todos sabem onde vamos, com quem ou com qual, quando, como, porquê, horários de partida e chegada; que famílias frequentamos; quem são as nossas “mulheres” preferidas ou privilegiadas; algumas pessoas querem ser as donas do padre; a empregada de há tantos anos já é a dona da casa e a secretária, a “pároca” ... Depois de uma vida na paróquia, hoje posso dizer: o monfortino na paróquia, se ele é missionário, vive a realidade paroquial de hoje com a sua presença significativa.

Seminário SIM - Seminário NÃO: Se queremos uma leitura fundamentalista de Montfort, então sabemo-lo muito bem: ele não queria perder tempo e forças para a formação de seminaristas; queria que fossem já padres, prontos para a missão. A maior preocupação hoje são as vocações e a manutenção económica das casas de formação. Temos que nos preocupar com a nossa própria vocação, em primeiro lugar, para que eu, com os meus irmãos, sejamos testemunhas e tenhamos uma presença significativa lá onde estamos.

A comunidade - fazer juntos: a comunidade é algo bonito e maravilhoso e, ao mesmo tempo, algo muito difícil, especialmente nos dias de hoje, onde o individualismo mais prevalece. Procura-se dar o que é vivido em comunidade: quando tu não vives, as pessoas percebem. Uma comunidade de pessoas, irmãos que se amam, já é missão. Mas que difícil! Vivi muitos momentos bonitos em comunidade com a oração, retiro e reuniões, sem nos cansarmos.

Hoje, às vezes, somos como aquelas famílias que se reúnem por ocasião de um funeral e não conseguem reunir-

se em casa. Continuo sonhando a vida comunitária que não significa colocar 3 ou 4 pessoas para mostrar que existe uma comunidade: elas também podem ser em 2, mas com uma presença muito significativa: quando não está ninguém, quando vês as pessoas que se perguntam: onde estão eles? Então tu és significativo.

Desinstalação - itinerância: lendo os textos sobre o Sínodo da Amazônia, diz-se em várias partes, que na Amazônia devemos permanecer com certa estabilidade. Também acredito nisso nas nossas paróquias tão grandes do Peru e do Brasil: não se pode mudar em pouco tempo. Eu acho que temos que evitar o “turismo pastoral e comunitário”. Desinstalação e itinerância são atitudes internas que abrem continuamente o coração à disponibilidade. Existem outras desinstalações que eu vivo na paróquia:

- **Dos horários:** é comum entre nós dizer à funcionária, quando toca a campainha, *diga que não estou ...* é porque programamos o nosso horário e as pessoas vem desprogramá-lo porque não têm os mesmos horários que nós;
- **Dos programas:** como no caso deste assunto que agora escrevo; tinha-me programado que o fizesse há muito tempo, mas só o consegui agora, o último dia do prazo que me foi dado;
- **Dos lugares:** quanto tempo passo em casa e quanto tempo na rua?
- **Do povo:** se vais falar com alguém da esquerda, o Padre é comunista; se fores com os conservadores, o Padre é direitista; se vais visitar uma família “rica”, o Padre não gosta dos pobres; se ficares a conversar com os jovens, o

Padre não gosta dos idosos; se fores à casa onde há apenas mulheres, o Padre é um mulherengo...

• **De coisas e bens:** existe a facilidade de ter tantas coisas que as pessoas também te oferecem e, então, depende de ti desfazer-te delas.

Maria: Nas paróquias onde estive mais do que falar sobre “*Maria, vivi e respirei Maria*”.

As paróquias Monfortinas são e devem ser “comunidades de comunidades”: é nas pequenas ou grandes comunidades que se vive o cotidiano da fé, que te aproxima das pessoas e as pessoas de ti. Elas são a força que a Igreja ainda tem para se fazer presente na vida da maioria do povo. Eu acredito nas Comunidades Eclesiais de Base. Não sou inimigo dos movimentos, mas tenho a firme convicção de que o futuro da Igreja serão as comunidades. Nasceu numa pequena comunidade, desenvolveu-se em comunidade, cresceu na massa, e continuará a existir nas comunidades.

Opção pelos pobres: é uma opção da Igreja, mas nós, Monfortinos, temos feito e muito com que os mais pobres se sentissem realizados e amados: refeitórios populares (comedores), centros de saúde, escolas, alfabetização, hospital policlínico, oficinas de todos os tipos, farmácias populares, Sítio Agar, pastoral da infância, hortas e plantações, ajudas para necessidades básicas, como água, eletricidade, saneamento, abrigos para deficientes, toxicod dependentes, idosos... Os pobres não têm horário; os pobres são um pouco mentirosos de vez em quando; o pobre nunca te diz NÃO; o pobre é pobre... e nós o amamos.

Outros pontos que não irei desenvolver, mas apenas tocar que são elementos importantes para a nossa missão Monfortina e paroquial: a liturgia como vida celebrada; as santas missões paroquiais; o dízimo e outras formas de apoio e sustento.

Concluindo: Eu acredito na missão evangelizadora monfortina. Acredito no trabalho que fiz e estou a fazer. Onde está a diferença entre um pároco monfortino e um padre diocesano? É o aspecto menos trabalhado nas nossas comunidades, mas se conseguirmos ser nós mesmos; viver a missão com alegria e gratidão, com emoção e paixão por Cristo e pelos nossos irmãos; se conseguirmos ser uma comunidade paroquial monfortina de pessoas que se amam, seremos testemunhas e referência para tantos jovens que estão à procura de algo mais nesta vida e que nós podemos oferecer a eles. Durante todos estes anos de missão na América Latina, Peru-Brasil, pensei muito pouco se Montfort queria ou não as paróquias; procurei viver “algo” de Montfort, talvez muito pouco, ou algo ao estilo de Montfort, como o amor aos pobres, a Maria, a Cristo Sabedoria, à Igreja (sempre santa e pecadora), à minha comunidade religiosa. Nem sempre foi fácil atualizar a mensagem de Montfort.

Hoje, tenho certeza de que Montfort foi muito mais radical do que eu, em tudo. Tive muitas tentações de trabalhar sozinho: nalgumas ocasiões por não partilhar o modo de pensar e agir dos meus confrades e noutros momentos porque queria “correr mais” e os meus confrades me forçavam a desacelerar para respeitar o ritmo de cada um. No Brasil, iniciamos um projeto muito lindo de uma “comunidade formativa”, isto é, a formação inserida numa realidade pastoral ou missionária. Percebi que nós,

Monfortinos, somos muito diferentes e a diferença é, ao mesmo tempo, uma riqueza e um problema. Riqueza porque nos torna mais “ricos” em experiências e em VR; problema ... porque somos humanos e nem sempre sabemos aceitar a humanidade do outro.

A missão monfortina é grande e os missionários o são cada vez menos. Se conseguíssemos reconstruir comunidades reconciliadas e bem fraternas, a nossa missão recuperaria em brilho e em beleza; em profundidade e santidade; na alegria de viver e amar; em qualidade e quantidade ...

5.2.3 Palavras do P. José María del Orbe - Delegação Provincial do Equador

O padre José María del Orbe é mais conhecido na América Latina por Pepe. Monfortino da Espanha. Desde o início da sua vida religiosa ele trabalha na América Latina. Homem itinerante, missionário das comunidades eclesiais de base, padre das periferias e incansável combatente dos direitos humanos.

P. Pepe conta-nos, de uma maneira muito simples, como a vida monfortina é itinerante, que ela deve estar ao serviço dos pobres e que a missão deve considerar a cultura e a religiosidade do povo.

Desde os 12 ou 13 anos de idade e depois da visita de um missionário Monfortino à escola onde eu estudava, no ensino médio, fui rapidamente atraído a viver a vocação monfortina. Os principais elementos de atração foram a missão para o exterior (lugares, países mais necessitados a nível social e eclesial) e a missão entre os pobres. Ambos pilares muito monfortinos. Depois e a partir do noviciado

e dos estudos filosóficos e teológicos que se completaram com as demais características do carisma monfortino.

De fato, a minha primeira experiência missionária monfortina antes da ordenação sacerdotal foi em Medellín (Colômbia), nos bairros populares, nas colinas da grande cidade onde a pobreza e o conflito social eram vividos e fortemente sentidos na paróquia de Guadalupe, na Setor de Manrique Oriental.

Depois, com o desejo de criar uma fundação monfortina noutro país latino-americano onde não estávamos, também fiz uma experiência na Bolívia; onde vivemos duramente o carisma de Montfort em termos de pobreza e perseguição sob várias ditaduras militares que ocorreram no país até termos que sair praticamente antes de sermos expulsos. Tudo isto de 1977 a 1984.

Em 1985, chegámos a convite do bispo da diocese de Machala, ao Equador, na zona costeira onde permanecemos até hoje, embora em diferentes partes do Equador, continuamos nessa missão que parece muito monfortina pelo seu estilo e o seu projeto.

Atualmente, somos 4 monfortinos: 2 em Sucumbíos (leste do Equador) e 2 em Ouro (costa do Equador). Nesta diocese de Machala, acredito que os missionários monfortinos estão realmente em pleno no nosso *carisma*, pois os 2 pilares fundamentais da “missão” e da “opção pelos pobres” desde o início que se viviam. Aqui, o “trabalho em equipa” é essencial, porque isso é exigido pela coordenação e organização que existe na diocese de Machala, por isso também a vida e a oração comunitária são diárias.

Quanto ao papel de Maria e da devoção mariana, não devemos esquecer que na cultura latino-americana e na religiosidade do nosso povo é fundamental. Por outro lado, a vida simples e austera faz com que o nosso abandono à Providência esteja presente no nosso estilo de vida e em não termos quase nada próprio, nem mesmo uma casa ou carro, pois são da diocese. Acredito, portanto, que na nossa missão no Equador, essas características fundamentais do carisma missionário monfortino são fortemente baseadas na vida e no trabalho pastoral com as comunidades eclesiais.

Saudações a toda a Monfortania a partir do Equador, esperando que esta experiência possa ser uma contribuição humilde e significativa para o texto sobre a missão que está a ser elaborado. Unidos na oração e na missão, um abraço fraterno.

5.2.4 Palavras do P. Etienne Pierre - Província do Haiti

P. Etienne compartilha conosco o espírito inquieto do povo haitiano. Espírito inquieto no sentido de não se acomodar diante das dificuldades. Para ele, a missão Monfortina não pode estar separada de projetos concretos em favor dos pobres, camponeses e analfabetos. Algo tem que ser feito, e é urgente que seja feito, para que as nossas palavras não sejam “apenas palavras”.

Definição da missão Monfortina

Falar da missão monfortina é falar primeiro da Igreja universal da qual deriva a sua origem e consistência. A Igreja recebe os termos de referência para a sua missão de vários textos bíblicos importantes, sendo o principal: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações,

batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo ...”, Mt 28, 19-20. Essa ordem de Jesus aos seus apóstolos não é exclusiva, nem excludente. Tanto o centro quanto a periferia lidam com o trabalho missionário. Foi para se adaptar melhor a essa dinâmica que Luís Maria Grignion se tornou padre e foi para dar mais peso, mais discípulos a essa missão que se tornou fundador das comunidades religiosas. Assim, sob a influência do Espírito Santo, ele decidiu fundar uma família espiritual com três ramos: as Filhas da Sabedoria, as Missionárias da Companhia de Maria e os Irmãos de São Gabriel. O objetivo deste Fundador é tornar conhecido e ampliar, graças a discípulos zelosos, desapegados de tudo, o reino de Deus por Maria e o Amor da Sabedoria Eterna. Ao fazer isso, ele deseja que a salvação oferecida por Cristo a todos, alcance o maior número possível de pessoas, incluindo os pobres pelos quais a sua escolha profunda e radical não sofre nenhuma concorrência. Assim, a missão de Montfort no passado e na atualidade, aqui e noutros lugares, tem uma orientação: a dos pobres, tanto os afetados pela pobreza metafísica como a sociológica. Como tal, o missionário monfortino deve estar em todas as lutas pela vida, a dignidade humana, a justiça, a inclusão, a fraternidade, a educação e o respeito pela biodiversidade. Porque *“a glória de Deus é o homem vivo. A vida do homem é a visão de Deus”* (Santo Ireneu).

As características desta missão

A missão da Igreja nos seus diferentes contornos é apenas uma coisa: a santificação do homem e, finalmente, a sua salvação. A maneira de cumprir a missão é ditada pelo carisma que, por sua vez, determina a posição do missionário após os ensinamentos do Mestre. A identidade da missão de Montfort encontra-se nestas quatro notas

dominantes, a saber: Evangelização, Desinstalação, Maria e Fazer Juntos. Mas também no aspecto batismal e mariano da nossa espiritualidade. Este aspecto da renovação das promessas do batismo no final de cada missão gera a renovação da vida cristã. Graças a esta renovação batismal, é dada ênfase especial à última vocação daquele que evangeliza: o missionário monfortino.

Os compromissos desta missão

A história da Missão Monfortina no Haiti, a primeira missão “ad extra” da Companhia de Maria, ilustra bem os compromissos dessa missão. Quando vários países, incluindo o Canadá, os Estados Unidos, pediram de abrir a missão, o então Superior Geral elegeu o Haiti. No entanto, os superiores de outras congregações solicitados pelos bispos do Haiti, considerando o rigor do noroeste do país, não se comprometeram a ir para lá. Eles olhavam apenas para os seus próprios interesses ao rejeitar esta oferta. De fato, os primeiros Monfortinos franceses pagaram um preço muito alto.

“Vendo todas as sepulturas que revestem as lajes das nossas igrejas, podemos dizer que a Missão se baseou na Cruz, na Cruz e na Cruz. Mas é por ter brotado e crescido na Cruz que a colheita de almas se proclama hoje tão bonita e tão promissora” (Les montfortains en Haïti d'Après les croniques de la mission. p.1).

Nalguma coisa eles estavam errados, porque a proclamação do Evangelho não é primariamente a busca de segurança material: é acima de tudo a do homem que luta com dificuldades de todo o tipo, especialmente os pobres, para levá-los para casa ou de regresso a ela. É para ajudá-los a ter uma vida bem-sucedida em Deus, apesar das dificuldades. Com base na realidade do Haiti e nos

compromissos dos confrades haitianos e da França, Alemanha, Holanda, Itália, Canadá e Estados Unidos, há todo um material por traduzir com eloquência os compromissos desta missão. Dito isto, os nossos compromissos hoje não questionam: como fazê-lo e onde fazê-lo?

De fato, existe uma cultura missionária monfortina. Os nossos compromissos obrigam-nos a procurar fazer o bem, fazer melhor e fazê-lo em qualquer lugar, porque somos monfortinos em caminho, “*liberos*”. Depois de Montfort, o monfortino não pode prescindir de um compromisso concreto e altruísta, no qual o *Totus tuus* do Padre Fundador não deve ser uma concha vazia.

Deve ser para aqueles que nos olham no trabalho, uma interpelação, um questionamento, uma provocação numa sociedade de consumo obsessivo e de ganância. Essa postura deve levá-los a viver, aqui e em outros lugares, os desafios do Reino dos Céus que se casam com a pobreza. Ser monfortino hoje é envolver-se em nome do Evangelho, não apenas para e com os pobres e homens de boa vontade para um mundo forte, unido e solidário; mas também para proteger a biodiversidade e contra o aquecimento global. Ser monfortino hoje é fazer parte de uma Igreja que sai de Jerusalém para estar em todos os caminhos humanos, e falar de Deus àqueles que têm um coração partido, angustiado e desesperado.

O jubileu dos 150 anos de presença dos padres da Companhia de Maria no Haiti (31 de agosto de 1871 - 31 de agosto de 2021)

A província monfortina do Haiti, quer fazer deste jubileu um evento de Igreja, da congregação e do país. Preparou-se uma ampla gama de atividades, incluindo conferências, debates, um trabalho coletivo sobre a contribuição dos

Monfortinos à Igreja do Haiti e ao país. Além disso, a província desenvolveu um plano estratégico que inclui dois projetos principais. Sempre no contexto deste jubileu. Aqui estão:

O Estado haitiano deu à Companhia de Maria 158 hectares de terras para a Fundação duma Escola Agroecológica e Técnica Agrícola (FECAGET). Deu aos monfortinos um hectare por cada ano de missão no Haiti.

É uma estrutura que nasce para o desenvolvimento local, endógeno, transversal e holístico. FECAGET é a tradução de um trabalho universitário que apresentei e defendi no CIEDEL (Centro Internacional de Estudos de Desenvolvimento Local), da Universidade Católica de Lyon, para obter um mestrado em engenharia de desenvolvimento local. É uma extensão e síntese das minhas experiências pastorais. Ela está sob a minha direção. A gestão disso é liderada por dois conselhos: Administração e Gestão.

Os seus membros são parceiros profissionais competentes de diferentes origens, mesmo com associados Monfortinos. O provincial é seu presidente honorário e o tesoureiro provincial é um membro *ex officio* do conselho de administração. O conselho provincial está representado por dois delegados em cada conselho (Cf. consulte o manual de Estatutos e Procedimentos). Estão contempladas oito áreas: agricultura, criação de gado, escola náutica, agroflorestal, saúde, educação, desporto-lazer, ecoturismo e turismo solidário.

FECAGET foi concebida para supervisionar jovens, pescadores, agricultores, artesãos e pessoas do campo, para melhor anunciar, em palavras e ações, o evangelho de

Cristo. Também foi projetada para finalmente permitir que a província do Haiti alcance autonomia financeira. É a primeira vez que está a ser desenvolvido um projeto tão ambicioso para alcançar esse objetivo. Para isso, a FECAGET procura parceiros técnicos, financeiros e estratégicos. Ela acredita acima de tudo na Providência que, melhor do que ninguém, sabe cuidar dos discípulos que envia em missão.

5.3 OCEÂNIA

Da Oceânia chega-nos a experiência de um jovem missionário. Um monfortino da Índia que trabalha na Papuásia - Nova Guiné. Para ele, a missão “é dar vida”. Ser Monfortino é ser um “doador de vida”. Realizar a missão com confiança na Providência, conhecer a realidade do local da missão e dedicar tempo à poesia e à arte, bem como aos diferentes grupos étnicos presentes nas áreas missionárias. Acolhamos este testemunho como se estivéssemos a ouvir as músicas e danças dos nossos irmãos papuenses.

5.3.1 Palavras do P. Francis Prashanth - Delegação Geral da Papuásia-Nova Guiné

A Missão é dar vida

São Luís Maria de Montfort rezou certa vez para ter um grupo de missionários que vivessem de acordo com o coração de Deus. Nos meus três anos de presença como jovem missionário na Papua Nova Guiné, posso dizer que a missão é dar amor, esperança, tempo e vida para os outros. Como São Francisco de Assis diz: “*É dando que se recebe*”.

Contexto da missão

Logo após minha ordenação em 2016, fui enviado como sacerdote monfortino para a paróquia de Nossa Senhora da Montanha Star, Tabubil na diocese de Daru - Kiunga, província ocidental da Papua Nova Guiné. Considero o local um paraíso bonito, uma pequena cidade no topo da montanha. Sim! Está cercado por montanhas gigantes, rios abundantes e animais selvagens e com condições climáticas frias. Da mesma forma, a empresa de mineração que opera no local, e que concede às pessoas apoio e prosperidade, ao mesmo tempo exerce o seu efeito prejudicial tanto sobre os seres humanos como sobre as outras criaturas e ao meio ambiente em geral.

A maioria das pessoas é católica. São acolhedoras com a sua cultura incrivelmente rica. A missão é bastante desafiadora, pois o local é montanhoso. Geograficamente, é muito difícil chegar às pessoas em aldeias remotas. Temos “a patrulha” ou visitamos a aldeia para administrar os sacramentos e conhecer a situação dos nossos paroquianos. Precisamos de um avião missionário ou de caminhar alguns dias na selva para chegar ao local, porque não há estradas ou meios de transporte adequados. No meio de todas essas realidades, o importante é que damos vida à missão e permitimos que ela enriqueça o nosso espírito missionário. A missão não é o que fazemos, mas o que somos. Na verdade, a missão é sobre quem somos: no meio de outras pessoas estranhas a nós, no meio do isolamento e da solidão, no meio das dificuldades e vulnerabilidades, e no meio da felicidade e do sucesso.

Gente feliz

A felicidade não abre as suas portas a não ser que abramos os nossos corações. Sinto-me muito privilegiado pela

atenção com que nos brindam e pela autenticidade do amor que nos mostram de várias maneiras. Nas suas aldeias, elas recebem o missionário como a Cristo. Com as suas belas tradições e danças culturais, fazem-nos sentir à vontade e missionários amados.

Pessoas espirituais

Eles anseiam por intervenção divina e pela comunhão com Deus, especialmente pela Santa Eucaristia e outros sacramentos. A devoção delas à Mãe Santíssima é muito forte e permite-lhes a proximidade com Jesus.

Gente simples

A simplicidade é o que torna os humanos como Deus. “*Em orait!*” É uma palavra “*Tok Pidgin*” que significa que está bem. Se as pessoas cometem um erro, dizem “*em orait*” e, se estiverem satisfeitas e felizes, também pronunciam as mesmas palavras. Mesmo que possuam uma mina de ouro, ainda assim vivem na simplicidade. Precisamente, o dinheiro não é tudo e não representa um padrão de vida para elas. O que importa é um bom relacionamento, uma relação o mais simples possível.

Pessoas itinerantes

Como se constata, muitas pessoas nas montanhas estão a migrar para a cidade em busca de pastos mais verdes. Eles mudaram o seu estilo de vida influenciado pelo estilo de vida da cidade com as suas novas tecnologias. Muitos pais expressaram perplexidade sobre os efeitos da tecnologia moderna e como ela influenciou os jovens. Os seus filhos adaptaram-se facilmente ao mundo moderno que afeta e muda o seu comportamento. A juventude de hoje é diferente da juventude anterior, como eles comentaram. É triste notar que, lentamente, a tradição está

desaparecendo e gradualmente está a ser esquecida. A grande preocupação é que as raízes da sua cultura e tradição sejam preservadas e transmitidas à geração futura.

Gente faminta

Entristece-me ouvir e testemunhar como as crianças desmaiam devido ao estômago vazio. Vão para a escola sem pequeno almoço, nem almoço e até vêm à igreja para servir e assistir à missa sem comer nada. A fome afeta não apenas as crianças, mas também alguns jovens e idosos. Estão com fome porque ninguém cuida das suas necessidades, porque são membros de uma família desestruturada, os seus pais não têm emprego, dependem dos seus familiares para se alimentar e alguns são realmente preguiçosos. Aqueles que emigraram da montanha e chegaram à cidade também têm fome. Andaram pelas ruas à procura de comida e começaram a mendigar. Temos algumas alternativas para reduzir esse problema, alimentando algumas crianças e aconselhando os adultos a voltarem para as suas respetivas aldeias. Mas, ainda assim, alguns deles gostam de permanecer na fome e na pobreza da cidade.

O compromisso

O meu compromisso com a missão é exposto na maneira de viver os votos na relação às pessoas a quem sirvo no meu ministério. Considero a minha vida consagrada e sacerdotal um presente de Deus que tem de ser compartilhado com a Igreja em fidelidade ao Evangelho. Ser batizado e enviado é um privilégio e uma responsabilidade. Sinto-me privilegiado por descobrir o essencial da vida na simplicidade das pessoas e sinto-me responsável por moldar e nutrir a sua fé e proclamar o reino

de Deus. Eu quero evangelizar-me primeiro a mim, e tornar-me um evangelizador neste processo.

Um apelo para que haja mais missionários para fortalecer a missão da PNG

Outra coisa muito importante aqui é a presença de mais missionários para participar da missão. Precisamos de missionários corajosos que possam arriscar e ousar levar o Evangelho às pessoas nas montanhas. Estou grato aos primeiros missionários monfortinos canadianos que compartilharam as suas vidas, por serem os primeiros a conquistar a selva mais difícil e mostrarem-me o caminho a seguir em direção à santidade. Vivemos a nossa fé e proclamamos o Evangelho como canais do amor de Deus, trabalhando para transformar o sofrimento humano e construir sociedades que deem prioridade à dignidade humana, o cuidado da criação e do bem comum inspirado por Maria, nossa discípula modelo. O apelo à missão continua ...

*Ele colocou os pés além-fronteiras
proclamando o Evangelho aos pobres.
Audazes e velozes foram os seus passos;
Agradar a Deus, sua única preferência.*

*Sabia que Deus habitava no seu coração.
Com Maria, sua mãe deslumbrou,
E tempo levou para a escrita inspirada
O amor que Deus no seu coração infundiu.*

*É fácil o caminho a Jesus por Maria
Chamavam-lhe sacerdote do grande rosário.
Deus era a sua providência, de nada se preocupava.
Dos tesouros de Deus foi abastecido.*

*Desejava ter um enxame de sacerdotes
Prontos e livres para trabalhar como escravo de Maria.
Sabia que a vinha é grande e os trabalhadores são poucos,
mas a todos os mantém unidos com o abraço de Maria.*

*Foi chamado o louco do Evangelho.
Foi tido sempre diante de Deus como verdadeiro.
Ser monfortino é estar disponível para todos.
A Deus e a Deus só com alma e coração.*

5.4 EUROPA

Da Europa chegaram-nos as colaborações da França e da Itália. São testemunhos que enchem a alma. A missão monfortina que está nas ruas, nas fábricas, nas escolas e que torna os nossos missionários homens “*todos de Deus e todos do povo*”. Um missionário monfortino não pode ser insensível à dor daqueles que sofrem. Prisioneiros, toxicodependentes, os doentes, os trabalhadores, jovens, idosos e crianças têm um lugar nos nossos locais de missão. Somos chamados a sair para encontrá-los.

5.4.1 Palavras do P. Robert Chapote - Província da França

Batizados e enviados

Introdução

Para apresentar este testemunho, repito uma passagem da carta que me enviaram para me convidar a colaborar na composição da carta à Congregação. “*Trata-se de dizer o que vivemos e como entendemos a missão de Montfort no*

nosso local de trabalho, a partir da vossa realidade cultural, do compromisso exigido pelo seu tipo de missão e do que viveu como missionário monfortino”.

Para situar este testemunho, acrescento que tenho 85 anos e que o bispo da diocese de Evry, onde os Monfortinos estão presentes há quase 50 anos, renovou o meu contrato de missão como membro da equipa pastoral do Setor d’Orsay (também chamado de “Setor Yvette”). Esta equipa tem uma dúzia de membros: padres, diáconos, leigos permanentes. Este setor tem cerca de 100.000 habitantes em 6 municípios, 6 paróquias e 8 locais de celebração.

- **O caminho que fiz, desde a minha ordenação em Montfort sur Meu, em 1961.**

No Seminário Menor Monfortino de Pelousey (Doubs), de 1961 a 1973:

Eu queria ir para Madagáscar ou para a América Latina, mas precisávamos de formadores nos lugares de formação em Montfort.

Esta missão “exigia”, além da formação em programas escolares, familiarizar também os alunos com a missão monfortina, principalmente através de missionários franceses monfortinos enviados para o exterior: Madagascar, África Central, Haiti, América Latina.

Os alunos foram sensibilizados da sua possível futura missão. De vez em quando, os missionários monfortinos eram enviados para paróquias na França. Esta educação no espírito monfortino foi acompanhada pelo conhecimento

da vida do Padre de Montfort e da sua espiritualidade, especialmente da Consagração a Jesus por Maria.

Esta abordagem foi concretizada com a visita dos padres e irmãos monfortinos dos países de missão e as visitas ao Seminário Menor de Pelousey.

Como professor, beneficiei-me deste treinamento que felizmente se complementou com o que já tinha recebido ao longo de todos os anos passados no seminário menor e maior.

Mas, com outros confrades, ousamos mudar a relação professor / aluno. De fato, descobrimos que o horário das aulas costumava ter sessões de disciplina. Ajudados por experiências realizadas no meio escolar e vindas das ciências humanas, criamos estruturas que ajudavam os alunos a acompanhar os seus programas escolares. Em resumo, estávamos a falar de aulas autogeridas.

Por decisão episcopal, tivemos que voltar ao esquema clássico. Depois disso, eu queria parar de ensinar. Fiquei desanimado pelo fato do Seminário Menor de Pelousey ter perdido a sua vocação inicial: ser um local de sensibilização para a Missão Monfortina na França ou no exterior.

- **Inserções pastorais nas paróquias: de 1973 até hoje (2019).**

Primeiro período: São Francisco de Sales de Petit-Clamart - Subúrbios de Paris (sudoeste) - Diocese de Nanterre. De 1973 a 1994.

O Petit-Clamart é um distrito da cidade de Clamart. A equipa pastoral era composta por quatro Padres Monfortinos, um padre diocesano e um catequista profissional.

Como a população que vivia nas urbanizações do HLM era principalmente da classe trabalhadora, os membros da equipa escolheram uma presença pastoral para a classe trabalhadora, apoiada pelos movimentos de Ação Católica na Missão dos Trabalhadores, a saber, a ACE (Ação Católica para Crianças), a JOC (Juventude Operária Cristã) e ACO (Ação Católica Operária).

Para mim, foi uma descoberta, mas não na totalidade, porque a nossa iniciativa de "classe autogerida" tinha características em comum com a pedagogia da Ação Católica, a partir do método *“ver, julgar, agir”*.

Esta prática tinha as suas raízes nas correntes missionárias que atravessavam a Igreja da França desde o início da “civilização industrial do século XIX”, naqueles lugares onde o trabalho era explorado e desumanizado. Os Papas, um no final do século XIX, e o outro na década de 1930, publicaram encíclicas que alertaram contra a exploração no mundo operário.

Esta prática pastoral marcou a nossa maneira de ser missionários monfortinos.

Alguns confrades, padres e irmãos, comprometeram-se na solidariedade com a classe trabalhadora, inserindo-se nos locais de trabalho, como Padres-Operários. Eu próprio participei nesse tipo de inserção missionária no mundo da classe trabalhadora.

Tive que parar a pedido do bispo que pensava em mim para uma responsabilidade diocesana como capelão diocesano da ACE-MO. Eu estive lá de 1984 a 1990. Permitiu-me conhecer Paris e os seus subúrbios, bem como sacerdotes e leigos praticantes / militantes cristãos.

Segundo período: Setor Orsay (sector Yvette) - Subúrbios de Paris (sul) - Diocese de Evry / Corbeil. De 1994 até hoje.

Em 1994, pedi para deixar a paróquia de San Francisco de Sales: dois confrades morreram e o quarto deixou o sacerdócio. Eu sabia que havia estruturas da Missão Operária em Essonne. Também tinha alguns monfortinos. O bispo nomeou-me para o Setor de Massy e depois para o Setor de Orsay, que eu não deixei desde 1994. Inseri-me no mundo do trabalho pastoral na diocese de Evry / Corbeil. Fui responsável pelo DDMO (Delegado Diocesano da Missão Operária). Participei na estrutura da Missão Operária que existia numa nova cidade do setor: Les Ulis. A população incluía mais de quarenta nacionalidades. Três lugares de culto: o Centro São João XXIII, uma sinagoga e uma mesquita.

Uma área rural de várias centenas de hectares resiste a uma campanha de urbanização.

Parte dela está ocupada pelo CEA (Centro de Energía Atómica). Os agricultores que ainda exploram quase 2.000 hectares formaram uma associação e defendem as suas terras "preciosas". Através da minha presença, participei dessa luta para apoiar estas mulheres e homens que defendiam as suas ferramentas de trabalho e os seus meios

de subsistência. Fui "pastor" das duas igrejas seculares presentes nas duas aldeias desses lugares.

Creio que todas essas presenças pastorais têm algo a ver com a missão monfortina.

“Missionário aposentado” desde 2012, fico feliz em poder dedicar o meu tempo a duas equipas de Ação Católica (ACO e ACI) todos os meses, também por estar disponível todos os meses para a comunidade portuguesa, por estar presente numa equipa pastoral com este olhar para os cristãos que agem por esta dignidade humana.

Também estou muito feliz de encontrar fielmente todos os meses, já há 5 anos, a equipa do P.O., funcionário numa oficina, membro de uma equipa de 6 ou 7 pessoas.

Durante alguns anos, conhecemos uma comunidade das Irmãs da Sabedoria, também presentes num bairro popular. Essa comunidade ainda existe na diocese de Evry / Corbeil.

Quatro comunidades da Província de França viviam este tipo de inserção missionária. Por isso, já na década de 1970, uma reunião anual de dois dias reunia membros dessas comunidades para rever a vida do missionário monfortino. Nos arquivos da casa provincial, podem ser encontrados vestígios dessa partilha entre os confrades. Esses documentos estão juntos com o título de “grupo Solignac”, devido ao local onde essas reuniões anuais eram realizadas desde o início. Solignac é uma cidade na região de Limoges, onde a congregação dos Oblatos de Maria Imaculada tivera o seu escolasticado.

Conclusão

Primeiro, defino a missão de Montfort pelo título de um livro escrito por um discípulo do Padre de Foucauld: *“Estar no coração das massas”*.

Em termos das suas características: as palavras que São Lucas coloca na boca de Maria na Anunciação resumem isso: *“Eis a serva do Senhor”*.

Compromissos: solidariedade com os “pobres”, com as suas lutas; ver-olhar; escutar-ouvir; partilhar intelectualmente, espiritualmente, materialmente. A releitura em comunidades, em equipas ...

Foi isso que me fez manter o fôlego missionário. *Muita coragem, jovens!*

5.4.2 Palavras do P. Ângelo Vitali - Província da Itália

Juntamente com a inquietação, envolvido no desconforto, habitando a inquietação, sem pretender resolvê-la, contemplando-a e observando-a como uma parte histórica não resolvida, talvez insolúvel desta humanidade para a qual a Redenção e a vinda de Cristo parecem ter trazido um grande benefício.

É um mal endémico que nem Deus pode acabar? Parece ser uma rendição incondicional!

Mas eis as reflexões dos presos:

“Padre, tem alguma ideia do mal que há no mundo?”
Ele pergunta-me por eu ser um colaborador da justiça numa das muitas entrevistas na prisão.

“Padre, você não tem ideia; porque eu sou o mal feito carne, personifico a parte má do mundo; mas somos muitos a ter esse papel também, muitos!”

“Padre, não me lembro quantos matei, quantos enviei para matar. Eu pago por isso, e acredito que o Pai Eterno me odeia!”

Diga ao meu filho para não ter vergonha do seu pai drogado: tomei essa decisão e, apesar de estar a morrer, não me arrependo. Seria muito simples! Se Deus existe ou me aceita como eu sou ou sou um “imbecil”! Eu digo baixinho que pode ser também que eu seja um “imbecil”....

Peço desculpas à minha mãe porque eu fi-la sofrer mais do que Maria Santíssima aos pés da cruz. Mas a minha mãe ama-me! Ele morreu algumas horas depois dessas declarações. Estava doente com AIDS (SIDA).

“Ah padre: conte-nos como é a morte! Hoje à noite você não se deita, fique aqui conosco, rodeado por este silêncio, por esta escuridão, e então você nos dirá o que há “na morte” e “depois” da morte. Jantares, entretenimento, tudo o que você nos propõe dia a dia já não é suficiente para nós; esta é a nossa obsessão: a morte”.

Não sou sociólogo, nem psicólogo, nem um simples assistente social, não sou nada; catapultado para esta realidade humana que somatiza, absorve, carrega consigo o estigma do diferente, do particular, do não qualificado, do não-religioso e canonicamente correto (ou moral?).

Sinto-me como um padre à deriva nesta realidade magmática, sempre pronto para assumir novas formas, inéditas e de não fácil enquadramento. Deixei-me envolver nesta lama, eliminando o julgamento, sem emitir julgamentos, enterrado numa realidade até ao limite ...

Não estou aqui para julgar, peneirar e normalizar, mas para ouvir e captar esse grito de desespero e colocá-lo no fundo do meu coração. Será essa apenas a minha missão? Bem-vindo a esta montanha de dor!

“Não se atreva a deixar de fazer as celebrações eucarísticas no sábado: precisamos de uma palavra forte e penetrante. As suas palavras (sermão), às vezes quase ofensivo e muito áspero, ajuda-nos a eliminar as máscaras que temos. Precisamos sim de um Deus que nos denuncie, mas que nos ame: uma terapia de choque que equilibra a nossa vida. Sedentos de amor, de um amor infinito, que nunca se nega, que está sempre pronto a começar de novo para que a nossa vida seja feita de recomeços contínuos”.

Sou guardião de segredos importantes, carrego comigo um esforço físico, mas, acima de tudo existencial, sinto em mim a picada da morte, uma doença mortal. Aqui a Ressurreição tem um sabor muito doce, o sabor da Vida Eterna dado como um presente àqueles que, deixados de fora da história, das histórias, das nossas histórias, para o abandono absoluto que Cristo também conheceu no momento da sua paixão.

Agora, no final da minha vida, sinto esta mesma vida habitada por uma humanidade ferida, mas valiosa, sinto que o reino de Deus vem encontrar-se comigo nestes irmãos tão estranhos, tão diferentes de mim, que me

revelam a alteridade de Deus, este Deus que vem e que me parece desconhecido. Talvez não fossem necessários muitos anos de teologia e estudo: precisávamos de mais Epifania de Deus nestes irmãos. Estes irmãos são um "lugar teológico" que faz com que a Sexta-Feira Santa e a rejeição de Cristo estejam tão presentes.

Termino declarando-me perfeitamente realizado como missionário monfortino nesta prisão e no mundo marginalizado. Eu sempre quis terminar a minha vida nesta realidade, foi dom de Deus esta longa viagem preparatória. É a estes irmãos a quem devo o contínuo e renovado entusiasmo da minha vida. A mudança e a motivação persistente para viver e trabalhar só podem vir dos pobres.

Concluo lembrando um ensinamento que nunca esqueci e que chegou ao meu coração, de uma pessoa com doença mental em Santa Maria della Pietà, em Monte Mário (Roma). Há muitos anos atrás, preparando o presépio, o menino desapareceu da manjedoura; um menino “bonito e gordinho”, que imita crianças pobres, desnutridas e maltratadas ... Esse irmão “louco” tinha-o levado porque estava doente na cama com febre alta e sozinho. Ele tinha-o escondido debaixo dos cobertores, porque ele era a verdadeira manta do seu coração com o qual se aquecia e conversava durante a noite.

Sim! Conversava porque o mantinha junto do seu coração. Um menino de gesso que ficou refém por dez dias sob os lençóis de uma pessoa demente. Terminado o tempo do Natal, esse meu amigo voltou recuperado e feliz. Mas, quem era o louco: ele, eu ou nós?

5.4.3 Palavras do P. Eugenio Perico - Província da Itália

Reflexões imediatas e espontâneas em “Missões paroquiais de Monfortinas”

Aprecio muito a proposta de focalizar o “carisma do missionário” nas realidades monfortinas, por ocasião da celebração do “Mês missionário extraordinário”, desejado pelo Papa Francisco sobre o tema “Batizados e enviados”.

A convite do Superior Geral, compartilho estas anotações, com base na minha experiência vivida durante anos, no contexto das “Missões Paroquiais” ou “Populares”.

1º ponto: as razões

Segundo o carisma de Montfort, o campo da evangelização deve ser incluído nos nossos projetos naturalmente. O Padre de Montfort quer-nos, apóstolos, itinerantes, missionários ao serviço da Igreja hoje, sob a impulso e a ação do Espírito. Não existe uma possibilidade tão clara e convincente de investir energia, recursos e pessoal nesta proposta que as paróquias possam pedir e exigir da Congregação.

Enquanto apreciamos todas as formas de evangelização em que atuamos (paróquias, animação mariana, pregação em geral e muitas outras), a atividade da Missão Paroquial assume uma prioridade particular, porque corresponde perfeitamente à figura e ao papel do Monfortino hoje. Mais do que isso, não se pode. Além disso, o caminho da fé e com o testemunho das paróquias, na fase atual, não é fácil de propor a fé. Procura-se e experimentam-se novas formas de anúncio e cuidado pastoral, para ser a 'Igreja em saída' entre os pobres, os pequenos, os marginalizados e os

excluídos. Não se trata de contentar-se somente por um cuidado pastoral de conservação, mas procura-se ativar um verdadeiro cuidado pastoral da evangelização.

Além disso, pelo menos um “alento missionário” também é bom para as nossas comunidades religiosas, que às vezes são autorreferenciais e perderam aquele ardor missionário que as recarregaria de vitalidade, de novo ânimo e agilidade nas próprias relações fraternas. Uma comunidade religiosa que não anuncia nem dá testemunho perde o sentido do seu próprio ser e converte-se num “gueto” de ar pesado, de tédio espiritual, de secura pastoral que determinaria o começo do fim. Não à cultura dos “quartos”, mas sim das “ruas”, onde cada pessoa hoje luta e espera. A vivacidade e o dinamismo do Espírito, soprados nas nossas Missões, tornam-se oportunidades para estabelecer comunidades monfortinas vivas, dinâmicas e alegres, porque são iluminadas pelo “fogo da Missão”.

2º ponto: os objetivos

O projeto “Missão Paroquial” coloca-nos ao serviço das comunidades paroquiais. É uma experiência de fé, como um presente extraordinário, um evento de graça. O significado daqueles dias abre metas específicas para serem partilhadas entre crentes e batizados.

1º. Tomar consciência da própria identidade cristã, através da redescoberta do batismo e da exemplaridade de Maria.

2º. Colocar a pastoral à luz da nova evangelização, especialmente aligeirar os caminhos de tudo o que é secundário e voltar a propor o “Kerigma”, o anúncio de Cristo morto e ressuscitado que caminha connosco.

3º. Recuperar a dimensão comunitária, num espírito de colaboração autêntica entre leigos e padres e no papel da família na formação e na catequese.

Tudo isso e muito mais nos compromete a delinear um caminho de missão paralelo e complementar ao caminho que na Paróquia já está implementado. Portanto, é essencial fundir as duas exigências: as prioridades específicas da paróquia e os conteúdos propostos pelos missionários, em harmonia com as características monfortinas deste projeto. Perder a nossa qualificação carismática significaria perder a nossa identidade religiosa na própria Igreja. Nunca repetir o que os outros fazem. Nós somos “Monfortinos”. É por isso que precisamos de algumas competências: criatividade, adaptação, imprevisibilidade, tomada de decisões, firmeza.

3º ponto: a realização

Nestes anos, nós fizemos em média duas por ano. Dado que os pedidos, em comparação com o passado, diminuíram. Ao finalizar a nossa proposta, colocamos “a paróquia em estado de missão”. Isso confirma como todos os membros da comunidade são protagonistas, embora com carismas e papéis diversificados.

Cada missão deve começar após três fases: preparação, celebração e continuação. O tempo de preparação é indefinível, pois está ligado aos frutos do caminho durante a execução e pode ser prolongado se não houver as condições necessárias para uma celebração positiva da missão. A fase de celebração está sujeita a duas propostas. O primeiro é o tempo de dez dias (de quinta-feira ao domingo seguinte). A segunda de duas semanas sendo que

na primeira é “em saída”, vamos para fora, nós saímos, todos dedicados às viagens e visitas para encontrar as famílias e a realidade do povo; na segunda semana, por outro lado, são sugeridas as várias celebrações e encontros “reentrar”. É a chamada missão “ida e volta”.

Os pontos em comum em cada Missão são as visitas às famílias, instalação de 'centros de escuta da Palavra', tempo dedicado à direção espiritual, encontros com os doentes, experiência com os vários grupos paroquiais. Existem também algumas iniciativas especiais que menciono brevemente:

* a experiência da “*tenda*” da Eucaristia ... seria interessante repeti-la em algumas zonas da população.

* o caminho da “Via Lucis” ... da igreja paroquial até ao cemitério para lembrar os mortos e testemunhar o Ressuscitado.

* a noite do “Show da Missão” ... com protagonistas e testemunhas da fé cristã nalguns campos sociais.

* a peregrinação à “*catedral*” com a renovação do batismo e a consagração a Maria.

* um cinema fórum ... especialmente para atrair jovens, se possível.

* O “Bom dia Jesus” com as crianças ... de manhã.

* Orações da manhã antes do dia começar ... para abençoar as fábricas e os campos.

* A noite multiétnica com pessoas de diferentes partes do mundo.

* A tarde de mini torneios para jovens ... com oração e lanche/buffet.

* a festa de encerramento no oratório para um momento de celebração com as famílias ... entretenimento de um “Mágico”.

Para as reflexões espirituais, um tema é escolhido e todos os dias são desenvolvidos nas reuniões e homilias. A própria missão é preparada e celebrada com uma oração de invocação do Espírito e a intercessão de Maria.

Além de tudo isso, é necessário preparar material informativo, folhetos, folhas de publicidade e formação, faixas para pendurar em locais estratégicos da vila ou cidade e muito mais. Propõe-se que os adolescentes e jovens criem um recital, para criar uma atmosfera de amizade, união e partilha entre eles. E mais...

Eu alcancei três páginas. Pediram-me não mais do que duas, assim termino de escrever, com a esperança de que, no futuro, o Espírito nos anime e encoraje na “missão” em Igreja, sem medo, com entusiasmo e confiança, para dar vida ao carisma de São Luís Maria de Montfort.

Obrigado e tchau!

6. MENSAGEM FINAL

Confesso que mudei de ideia durante a redação desta “*Carta Circular sobre a Missão Monfortina no mundo de hoje*”; em princípio, pensei em reunir apenas algumas partes dos testemunhos dos nossos confrades, colocando-os em algumas reflexões específicas, como no tema da “*escuta*”; “*De serviço em áreas urbanas*”; da “*preparação para o Sínodo dos Bispos na Amazônia*”; em resumo, as histórias das experiências seriam misturadas no meio da Carta. Eu decidi mudar de método.

Vi na partilha dos nossos confrades uma riqueza tão grande e que deveria ser apresentada na sua totalidade. Não podia “diluir” o seu conteúdo misturando-o com outras coisas. Agradeço a Deus por estas experiências e por tantas outras feitas no passado e que são realizadas hoje em várias partes do mundo. Espero que todos os missionários monfortinos se sintam representados nas experiências partilhadas nesta carta.

Sobre este tema da Missão Monfortina, não podemos esquecer os missionários idosos que estão nas nossas casas de repouso. Não podemos esquecer estes monfortinos doentes que já não podem realizar uma missão “*fora*”, “*em saída*”, usando a linguagem do Papa Francisco. Os nossos irmãos deram a sua vida pela missão, eles construíram a história nos lugares por onde passaram.

“Ouvindo” o testemunho de p. Robert Chapote, com os seus 85 anos, um coração missionário que representa aqui nesta carta todos os Missionários Monfortinos na diversidade de lugares e tipos de missão, aqueles que já passaram e aqueles que ainda continuam “*em caminho*”, encontrando nas suas orações, preocupações e lutas, a São Luís Maria de Montfort, que repete:

“Não tenhas medo, não desanimes ... confia na Providência e continua a amar o povo que Deus te confiou”.

Obrigado por tudo, obrigado pelo exemplo que eles nos deram e continuam a dar.

Amigos, força e ânimo. A missão continua!

Roma, 14 de novembro de 2019

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'L. Stefani', with a large, sweeping underline that extends across the width of the signature.

Padre Luiz Augusto STEFANI, S.M.M.
Superior Geral

(Tradução para a língua portuguesa a cargo do P. Luís Oliveira, SMM, a quem penhoradamente agradecemos.)

Casa Generalizia Missionari Monfortani
Viale dei Monfortani, 65
00135 Roma